

PAUL SWEEZY: ANATOMIA DE UM INTELLECTUAL REVOLUCIONÁRIO

PAUL SWEEZY: ANATOMY OF A REVOLUTIONARY INTELLECTUAL

Ivan Cotrim

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Professor do Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e da Fundação Santo André.
Rua da Consolação, 930 – São Paulo – SP – CEP 01302-907
E-mail: prof.cotrim@bol.com.br

Resumo

Buscamos apresentar a trajetória intelectual de Paul Sweezy, pesquisador, economista, ativista político e editor, por meio das motivações teórico-político-revolucionárias que assumiu em sua vida. Apontamos as sinuosidades que se refletiram em sua produção teórico-marxista, bem como as críticas que lhe foram dirigidas. Indicamos, também, sua dedicação na construção de um instrumento de defesa do marxismo e da revolução: a *Monthly Review*. Registramos, por fim, sua opção em dedicar sua existência à defesa do marxismo e da revolução.

Palavras-chave: Economia crítica; Revolução; Socialismo.

Abstract

This article intends to present Paul Sweezy's intellectual trajectory as a scholar, economist, political activist, and publisher through pointing out theoretical-political-revolutionary motivations that drove him along his life. It indicates some twists and turns reflected on his theoretical-Marxist production, as well as some relevant criticisms directed to his work. It also stresses Sweezy's dedication to set up an instrument at the service of Marxism and revolution: *Monthly Review*. Eventually, his choice to devote his life to the defense of Marxism and revolution is brought into focus.

Keywords: Critical economy; Revolution; Socialism.

1 INTRODUÇÃO

Em 1931, após graduar-se em economia em Harvard, Paul Marlor Sweezy¹ (nascido em 10 de abril de 1910, em Nova York) vai para a London School, onde procura os cursos e professores na linha da utilidade-marginal, que adotara nos anos anteriores nos Estados Unidos. Contudo, os contatos com obras como *A Revolução Russa*, de Trotsky, com os economistas de esquerda, como Lask e Joan Robinson, alteraram suas antigas convicções. De volta para Harvard, depara com as novas concepções econômicas que estão vicejando na universidade e com a presença do pensamento marxista, que tivera início com a ida de Schumpeter para lá. Seus novos contatos serão agora Oscar Lange, Wassily Leon Pier e outros, todos, em medidas diferenciadas, simpáticos ao marxismo, e, obviamente, o próprio Schumpeter do qual Sweezy se tornara assistente. De 1933 em diante, Sweezy vai demonstrando ser um brilhante intelectual; publica vários ensaios sobre a concorrência imperfeita, estagnação econômica e análises keynesianas, no jornal do qual foi cofundador, *Review of Economics Studies*. Trava contato com Keynes, e, a partir das leituras da *Teoria geral*, envolve-se nas polêmicas que ela suscita.

Depois de colaborar tecnoprofissionalmente com o projeto do New Deal, em 1937, torna-se central em suas discussões e artigos o *capital monopolista*, cujo estudo iniciara ainda em Harvard, em 1927, e que será mais tarde completado com Paul Baran e publicado em conjunto, na obra mais importante deste último. Esse tema, e os artigos que o retrataram, renderam-lhe um prêmio acadêmico, concedido em Harvard por uma banca de examinadores da qual fez parte Schumpeter.

Em Harvard, torna-se professor em 1938, passando a atuar politicamente na academia e a colaborar na formação da associação de docentes, atuando na Federação dos Professores dos Estados Unidos. Também ministra cursos de Economia socialista, e das leituras feitas com esse fim retira alguns fundamentos de sua obra mais conhecida, *Teoria do desenvolvimento capitalista. Princípios de economia política marxista* (1942). Essa obra é publicada no mesmo período em que *Capitalismo, socialismo e democracia*, de Schumpeter, é dada ao público; em ambas, o futuro tanto do socialismo quanto do capitalismo é

1 Encontramos na “Apresentação” de Helga Hoffmann à *Teoria do desenvolvimento capitalista. Princípios de economia política marxista*, de Sweezy (1983), e em “Paul M. Sweezy”, de John Bellamy Foster, publicado em edição especial, eletrônica, da *Monthly Review*, parte das informações contidas neste texto, com o qual pretendemos registrar homenagem por ocasião da morte de Sweezy ocorrida em fevereiro de 2004.

posto em questão. Quanto ao capitalismo, a eminente crise, particularmente norte-americana, que se mantém em curso, é analisada por ambos. Contudo, enquanto para Schumpeter os fundamentos da crise dizem respeito a questões políticas, Sweezy trata-a como fenômeno embutido na própria realização do capital. Com base em Marx, diz ele ser o capital barreira para si mesmo, isto é, uma entificação contraditória em si própria, pois apresenta-se periodicamente em crise. Observe-se que, embora com marcadas diferenças concepcionais, Schumpeter e Sweezy estabeleceram uma relação de respeito e mútua admiração intelectual. Sweezy recebe o artigo “A teoria da inovação do professor Schumpeter” afirmando que esse havia percebido melhor do que qualquer outro analista a objetividade contraditória e as leis que regem o capitalismo; isso revela o elevado perfil intelectual que envolvia o entorno desses militantes críticos.

Até o final da década de 1930, Sweezy constituiu diversos grupos de pesquisa e discussão, singularmente dinâmicos, cujas atividades teóricas e envolvimento políticos punham em revista as contradições mundiais, o bipolarismo capitalismo/socialismo, e que tinham em Harvard o centro aglutinador e difusor de sua produção. Por intermédio dessas atividades, Sweezy construiu seu próprio patamar teórico-ideológico. A defesa intransigente de uma transformação mundial, da superação do capitalismo, não afastou o conjunto de elogios pelo seu brilhantismo intelectual vindos mesmo de pensadores conservadores, como Paul Samuelson e outros.

A Segunda Guerra Mundial imprime um novo caminho na vida de Sweezy. Luta contra o fascismo e contra a própria guerra participando em ligas antifascistas e várias organizações populares. Contudo, não considera suficiente permanecer nesses organismos. Sua impetuosidade o leva a abandonar Harvard e candidatar-se a oficial no exército americano em 1942, sendo destacado para os serviços de estratégia econômica, que ele realiza para o governo inglês. Tendo se separado de sua primeira esposa, Maxine Yapple Sweezy, casa-se novamente, em 1944, com Nanci Adams, com quem virá a ter, mais tarde, três filhos; essa modificação na sua vida privada favorece a decisão de retornar para os Estados Unidos em 1945, onde passa a dedicar-se profissionalmente à função de editor.

Nos Estados Unidos, Sweezy procurara retomar a posição de pesquisador que havia tido em Harvard, mas as portas da universidade haviam se fechado para o marxismo, frustrando seu intento. Retoma suas relações com Leo Huberman, que se mantinha como historiador, jornalista, economista e grande editor de livros, atividades todas voltadas para os movimentos revolucionários, populares. Sweezy estabelece com Huberman as condições para a pu-

blicação de livros de economia que continham, entre outros temas, os problemas da transformação dos valores em preço, tema tratado com grande profundidade por Marx, mas que vinha sendo motivo de debates e controvérsias, especialmente pelos detratores diretos de Marx como Bohm-Bawerk. A publicação reúne tanto as críticas e as distorções provocadas nas teorizações de Marx quanto a resposta em defesa deste último empreendida por Rudolf Hilferding. As preocupações de Sweezy em cercar-se de uma compreensão sempre mais adequada sobre a teoria econômica marxista avançam, especialmente agora que a academia inicia um processo de recusa radical da produção e reprodução desse conteúdo crítico-econômico.

O final da década de 1940 marca em definitivo a vida intelectual e política de Sweezy, pois é entre 1948 e 1949 que ele estrutura as condições para a formação da *Monthly Review*, publicação criada para efetivar o pensamento crítico-marxista ante o avanço das análises pró-imperialistas, pró-capitalistas, que se avolumam nessa fase de guerra fria. Em 1948, com Leo Huberman adquire as condições financeiras para realizar o ousado projeto, na área editorial, e dar a público uma revista socialista independente. Amigo dos tempos de Harvard, F. O. Matthiessens garante economicamente por três anos sua publicação, que terá em seu primeiro número (maio de 1949) o artigo de Albert Einstein, “Por que o socialismo”.

Posteriormente, com a morte de Schumpeter, Sweezy escreve uma introdução à reedição de seu livro *Imperialismo e classes sociais* (1949) e, em 1953, publica *Socialismo e o presente como história*, obviamente sob os olhares cautelosos da censura ideológica que está dando os primeiros passos no interior dos Estados Unidos.

Sua inquietante e incansável consciência de pesquisador militante leva-o, nesse período, a travar uma fértil e positiva polêmica teórica com Maurice Dobb sobre a transição do feudalismo ao capitalismo. Suas ponderações às posições expostas por Dobb, em seu livro *Estudos sobre o desenvolvimento do capitalismo*, de 1945 (no qual enfatiza o papel da expansão do comércio no plano mundial na desmontagem do feudalismo), colocam-no diante de uma temática cuja importância ele retrata afirmando que no trabalho de Dobb “cerca de um terço de todo o volume é dedicado ao declínio do feudalismo e à ascensão do capitalismo” (SWEEZY et al., 1977, p. 19) e, portanto, reúne um conjunto suficiente de informações sobre a transição de um para outro modo de produção.

Observe-se que as preocupações e a especial atenção que ele dedica a essa obra de Maurice Dobb são explicadas, pois, diz Sweezy, “Vivemos no período de transição do capitalismo para o socialismo; e este fato empresta particular

interesse ao estudo de anteriores transições de um sistema social a outro” (SWEEZY et al., 1977, p. 19). Ele procura aprofundar o diagnóstico da transição elaborando um longo artigo no qual aborda, analítica e criticamente, as formulações teóricas mais amplas de Dobb sobre o feudalismo e sua teorização sobre o declínio desse modo de produção, e o surgimento do capitalismo. Seu objetivo não será outro senão o de apreender algo que facilite a compreensão e permita a formulação de proposições teóricas e práticas de outra transição: esta, agora, para o socialismo. Nessa empreitada, Sweezy irá sustentar-se em referências teóricas extraídas da produção intelectual de Marx e de suas correspondências com Friedrich Engels sobre a complexidade que envolve essa nova transição, para cotejar com o conteúdo da polêmica travada com Dobb e outros.

Seu artigo provoca entusiasmo e estímulo teórico em outros pensadores, pois, como diz Dobb, há nele “um sem-número de importantes questões cuja discussão apenas pode ser benéfica para uma compreensão tanto do devir histórico quanto do marxismo enquanto método de estudo desse devir” (SWEEZY et al., 1977, p. 61). Eis aí então o alcance que a polêmica de Sweezy suscitou: discussão e aprofundamento da compreensão sobre a transição, mas também uma retomada do pensamento de Marx na orientação dessas posições; e é com essa perspectiva que Dobb se remete à “Réplica”, respondendo aos questionamentos de Sweezy e avançando em suas posições com a mesma cordialidade de seu oponente, pondo em relevo as positivities daquela abordagem para expor suas divergências teóricas. Dobb acrescenta, à positividade inerente à polêmica em si, que sua difusão suscitou um grande interesse no Japão, na Índia e em outros países cujo atraso capitalista em relação à Inglaterra, pioneira nessa transição, era motivo de estudos: “Uma edição especial de *Thought* (Shiso, julho de 1951), de Tóquio, é dedicada a ela e assuntos cognatos [...] A questão foi também debatida no periódico italiano *Cultura e Realtá*, n.ºs. 3-4, pp. 140-180” (SWEEZY et al., 1977, p. 11).

De fato, o interesse pelo debate aproxima de ambos (Sweezy e Dobb) o marxista H. K. Takahashi, que, após ler o artigo de Sweezy, “A transição do feudalismo para o capitalismo”², que deu origem ao debate, cotejando-o com a obra de Dobb, resolve participar dessas importantes abordagens com uma contribuição à polêmica, o que fez despertar em Dobb a necessidade de completar sua “Réplica” com “Um comentário posterior”. Sweezy avança suas abordagens iniciais escrevendo uma “Tréplica” à “Réplica” de Dobb. Satisfeitos em expor suas divergências, eles encerram o debate; contudo, a polêmica aglutinou, pos-

2 Publicado em *Science & Society*, v. XIV, n. 2, p. 134-157, 1950.

teriormente, textos constituídos por abordagens de novos ângulos da mesma temática, redundando na publicação do livro *Do feudalismo ao capitalismo* em 1977 pela editora da *Monthly Review*, nos Estados Unidos. Nela foram agregados, ainda, dois comentários, um de Rodney Hilton e outro de Christopher Hill, ambos historiadores de padrão internacional inconfundível.

Em seguida, dando seguimento aos seus empreendimentos prático-teóricos, associado intelectualmente a Hubermann funda a *Monthly Review Press*, braço editorial da revista que serviu como polo editorial de trabalhos críticos, rejeitados por outras editoras, como *A história secreta da Guerra da Coreia*, de I. F. Stone, pelo conteúdo carregado de denúncias e esclarecimentos sobre a política imperialista norte-americano naquela região.

Nesse período, em que está se iniciando globalmente a chamada guerra fria, os Estados Unidos passam a investir pesadamente no policiamento ostensivo e na censura ideológico-intelectual, processo que ficou conhecido como macarthismo. Os editores da *Monthly Review* foram duramente interpelados e interrogados pelos comitês de censura. Hubermann sofreu interrogatórios em 1953 e 1954, e Sweezy teve sua prisão decretada, e embora essa não tenha se efetivado, ele foi mantido sob vigilância do Estado, e seu processo só se extinguiu em 1957. Mesmo assim, Hubermann e Sweezy continuaram analisando e difundindo sua oposição à Guerra da Coreia editando, em 1954, longo artigo sobre a guerra, destacando a subsunção dessa aos interesses político-econômicos do imperialismo norte-americano.

Na década de 1960, passada essa fase mais repressiva, a *Monthly Review Press* amplia suas publicações de autores críticos. No final da década de 1950, Sweezy estreitara relações com Paul Baran, publicando e difundindo, em 1957, *A economia política do desenvolvimento*, obra de grande importância para os analistas críticos da economia em geral e, particularmente, para reconhecimento da estrutura socioeconômica do capitalismo subdesenvolvido. A análise contida nessa obra abriu uma porta para a compreensão do subdesenvolvimento como forma reflexa do capital monopolista, e, portanto, do capitalismo que veio se agigantando em todo o globo no pós-guerra. A aproximação desses autores foi muito fecunda, na medida em que fizeram convergir suas análises do capitalismo monopolista para a do capitalismo subdesenvolvido, dando consistência global à economia que se desenvolve nos países periféricos. Com Baran, Sweezy completa suas pesquisas e concepções sobre o caráter do capitalismo do pós-guerra, identificando em suas leis imanentes o caráter imperialista nele impresso. Após a morte de Baran, ocorrida em 1964, é publicada a segunda edição daquela obra, agora com a inclusão de “O capitalismo monopolista” como um de seus capítulos. Esse trabalho expandiu os interes-

ses pelas análises críticas de Sweezy, tendo servido de base para a formação de jovens interessados nos estudos sobre o capitalismo imperialista e os fundamentos críticos de seu autor.

O final da década de 1960 vai descortinar empreendimentos novos e mais dinâmicos tanto do ponto de vista editorial quanto da militância político-teórica de Sweezy. Em 1968 forma-se, nos ciclos de sua orientação, uma linha de pesquisa político-econômica, a União pela Economia Radical, composta pelos jovens estudiosos da tese de Sweezy. Ele havia mostrado que as condições favoráveis para a expansão do capitalismo imperialista do pós-guerra haviam se concentrado nos Estados Unidos. Com a segunda revolução industrial, automobilística, aquele país ganhara estímulos adicionais para sua expansão, por exemplo, nas empresas de vidro, aço e borracha. Contudo, o declínio desses estímulos adicionais conduziu os Estados Unidos a depender agora de uma ampliação do desperdício, por exemplo, com os gastos militares, expansão do crédito, para estimular o aumento de produção e de venda. Sweezy traduzia essa conduta do governo norte-americano como forma direta de decadência a que havia chegado nessa etapa de expansão do capital monopolista.

Com a morte de Leo Hubermann, em 1968, Harry Magdoff assume ao lado de Sweezy a direção da revista e da editora; em 1970, Sweezy e Magdoff retomam as críticas sobre a expansão beligerante dos Estados Unidos, agora no Vietnã; vale lembrar que suas críticas às guerras empreendidas pelo imperialismo norte-americano haviam sido iniciadas no final da década de 1950, com Hubermann, dando conta passo a passo daquela situação e suas consequências. Nesse mesmo período, Harry Braverman, autor de *Trabalho e capital monopolista*, aproxima-se da Monthly Review Press, demonstrando-se plenamente capacitado, política e teoricamente, para se tornar dirigente da editora. Braverman vinha empreendendo, havia alguns anos, um amplo quadro de pesquisas sobre o mundo do trabalho, cuja publicação enriquece teórica e politicamente a editora. Expande-se também o quadro de autores de esquerda, críticos, que serão publicados, tais como: André Gunder Frank, Che Guevara, Ernest Mandel, Louis Althusser, Eduardo Galeano, Aimé Cesaire, Samir Amin, Charles Bettelheim e outros. Com essa nova etapa da Monthly Review Press, as discussões sobre a classe operária revolucionária, que haviam sido reduzidas a partir da década de 1960, são repostas. Contudo, Sweezy já vinha percebendo que as derrotas políticas dessa classe, a homogeneização e degradação a que fora submetida nos processos de produção pela especialização e parcelamento do trabalho ao lado da pulverização sindical, haviam reduzido acentuadamente sua consciência, especialmente nos países desenvolvidos. Dessa forma, o proletariado vinha se pautando por uma orientação menos

revolucionária e mais reformista. Sua análise o leva a assumir uma linha de ação política que, desde Lenin, nunca se mostrara fértil, senão como retaguarda revolucionária. O século XX, diz Sweezy, inverteu o polo revolucionário, que agora se concentra no Terceiro Mundo, ou seja, um proletariado similar ao do período de Marx encontra-se disponível nessa faixa territorial do globo, concluindo, com isso, que a revolução teria de ser buscada na periferia.

2

A TEORIA MILITANTE SOBRE A AMÉRICA LATINA

Desde o início da década de 1960, mas especialmente com a associação intelectual a Paul Baran e o desenvolvimento analítico deste sobre o subdesenvolvimento, Sweezy aprofunda seus contatos com os intelectuais militantes da América Latina; desde então, a revolução cubana exerce destacada importância para Sweezy, que já a recebera com grande entusiasmo. Em 1960, com Baran, vai para Cuba, onde trava relações com Fidel Castro no sentido de levar seu apoio político e disponibilizar seu meio de difusão para ampliar o alcance revolucionário cubano. Nesse mesmo ano publica *Cuba: anatomia da Revolução* e, bem mais tarde, em 1969, *Socialismo em Cuba*.

É importante assinalar as preocupações de Sweezy com o subdesenvolvimento indicando que a Monthly Review Press publicara *A economia política do desenvolvimento*, de Paul Baran, obra que, como vimos, tem parte substancial de sua análise centrada exatamente nos problemas econômicos dos países subdesenvolvidos, buscando revelar a forma do capitalismo desses países e as consequências sociais daí advindas.

O entusiasmo de Sweezy com a revolução em Cuba revela-se também no apoio a Salvador Allende no Chile, que desde finais da década de 1950 reflete uma postura política combativa ante as intervenções norte-americanas nesse país, bem como expressa uma capacidade organizativa da vida social, que envolve amplos setores do trabalho na colaboração de uma gestão popular, pró-socialista e emancipatória para a vida chilena. Dez anos mais tarde (1970), Allende conquista efetivamente o poder, apoiado nos segmentos sociais por ele construídos no longo de quase vinte anos. Sweezy abre seu canal de difusão, sua revista e editora, para ampla difusão e defesa do governo de Allende. Contudo, a compreensão que ele tem das intervenções do governo norte-americano nos países subdesenvolvidos o leva a insistir em que o governo chileno de Allende permanecesse armado, pois, além de tudo, o Chile encontrava-se já cercado por países capitalistas que pressionavam por sua derrota,

especialmente os Estados Unidos. Depois do golpe que derrubou Allende, confirmando uma das alternativas que havia indicado em suas análises, Sweezy publicou o livro *Revolução e contra-revolução no Chile*, por ele organizado. Os eventos chilenos reafirmaram, para Sweezy, a necessidade de se desenvolver, nos países da periferia do capitalismo, a revolução armada, com apoio integral de seu canal de difusão.

A aposta de Sweezy e dos demais responsáveis pela *Monthly Review* nas possibilidades revolucionárias latino-americanas foi intensa. Vale citar uma observação de Hubermann e Sweezy (1964, p. 7) sobre esse continente para termos uma noção dessa aposta:

Em termos históricos, a América Latina está nos espasmos de um dos grandes movimentos revolucionários dos tempos modernos. Tal movimento iniciou-se há cinquenta anos, no México, e sua mais recente manifestação ocorreu em Cuba. Muito antes de se passar outro meio século, ele terá abalado e transformado toda a região.

Obviamente, suas esperanças não lograram êxito, pois não se formou aqui o potencial necessário para a transição revolucionária para o socialismo.

Os contatos diretos de Sweezy com os setores revolucionários dos distintos países latino-americanos, e em especial com Cuba, se fizeram ora por meio de conferências por ele proferidas, ora por entrevistas colhidas para a *Monthly Review* e outras publicações. De qualquer forma, a revista manteve plena abertura às publicações sobre a América Latina daquele período. Em artigo elaborado em 1963, com Leo Hubermann (HUBERMANN; SWEEZY, 1964), colocando em revista vários países latino-americanos, tanto do ponto de vista econômico quanto político, a fim de destacar o sentido revolucionário daquele momento, discute o caráter de uma possível revolução no continente (país a país), se de perspectiva burguesa ou socialista, indicando que as primeiras tiveram seu ciclo histórico máximo estendido para o período das guerras mundiais. Além disso, a revolução burguesa só pode se dar onde a burguesia ainda não é dominante, e esse não é o caso da América Latina. Além disso, diz ele, nenhuma reforma de tipo burguês-capitalista, embora os países sejam diferentes entre si, apresenta-se com potencial para solucionar as demandas que o drama humano reclama em todo o continente.

Em suas análises sobre a questão agrária nesse continente, procura demonstrar que a reforma agrária está fora do horizonte das classes dominantes, já que a composição de classe nesse setor, o mais tradicional do continente, funde os proprietários de capital e os proprietários de terra, resultando num “cumplicamento” de interesses que banuiu qualquer possibilidade de alteração

ou reforma da estrutura agrária. Essa agudeza de visão se contrapunha frontalmente a diversos setores da esquerda latino-americana do período, como o PCB, que no caso brasileiro manteve como pauta político-revolucionária revolução burguesa nuclearizada numa ampla reforma agrária.

Sweezy reconheceu as posturas revolucionárias, dentro da América Latina, por seu grande porte humanista como o de Fidel Castro, Che Guevara, Allende e outros, e destacou o papel histórico de Lázaro Cárdenas Del Rio que, embora, restrito aos limites da revolução burguesa, avançou na radicalidade das transformações sociais e humanísticas, participando ativamente de todo o percurso revolucionário mexicano desde 1913, e como militar, revolucionário e nacionalista completou projetos de reforma radical no setor agrário, oriundos da propositura política de Zapata. Sweezy entrevistou Cárdenas no início da década de 1960 e dedicou-lhe um artigo de título “Um grande americano” (SWEEZY, 1964, p. 40-48), para retratar as impressões que dele recolhera e destacar seu papel na história mexicana e, conseqüentemente, latino-americana.

A partir de fins da década de 1960 e inícios de 1970, contudo, os golpes militares e as ditaduras, por meio de sua opressão e repressão sobre a massa trabalhadora, sobre seus sindicatos, associações a partidos, tiram da cena histórica as possibilidades de organização e acumulação de forças revolucionárias na América Latina; isso fez que a presença de Sweezy se reduzisse sensivelmente nos meios políticos ativos e revolucionários.

3

A POSITIVA OBSTINAÇÃO CRÍTICO-MARXISTA

A face teórica de Sweezy primou por manter a ciência crítico-econômico-política de Marx como estrutura basilar de toda sua análise de realidade. Desenvolveu múltiplas análises da realidade político econômico do pós-guerra, abordando os temas que lhe foram sendo colocados, como economia marxista do imperialismo, análises econômico-conjunturais dos movimentos políticos revolucionários etc. Contudo, nem toda a sua produção teórica foi acolhida pelos marxistas internacionais sem alguma crítica. O núcleo para o qual se dirige a maior parte das ponderações e dos reparos diz respeito às interpretações que ele faz de algumas categorias desenvolvidas pelo próprio Marx. Destaque-se que seu esforço analítico vai na direção de compreender o dinamismo do capital, em sua expressão mais universal, no padrão empreendido pelo próprio Marx, tendo como fundo de orientação *abstrações razoáveis* sem as quais tal abordagem não poderia ter nenhum efeito concreto. Por essa razão é

que as críticas que lhe foram dirigidas vieram de intelectuais marxistas de padrão inconfundível como Rosdolsky e Mandel.

Em sua formação inicial em Harvard, Sweezy incorporara as concepções utilitaristas da economia política; contudo, sua passagem pela London School descortinou-lhe as teorizações crítico-marxista sobre a economia política, mediante suas leituras de Leon Trotsky, de V. I. Lenin, Rosa Luxemburg e outros. Na Europa, ele assimilara concepções como o duplo caráter do trabalho, sua bifurcação em qualitativo e quantitativo, a mais-valia; enfim, uma nova teoria do valor, pois fundada na atividade humana do trabalho. Essas concepções apresentaram-se-lhe como descoberta fundamental do brilhante pensador alemão (Marx) ao mesmo tempo que ele compreende ser esse o caminho e a concepção que permitiu a Marx explicar o capital, sua expansão, sua acumulação e crise.

Seu esforço de pesquisador revolucionário o leva a avançar para a problemática que envolve a transformação dos valores em preços (que, tendo início com David Ricardo, encontra sua mais adequada solução em Marx), além de outros temas que ele não mais irá abandonar. Contudo, seu ponto de partida encontra-se registrado naqueles autores marxistas, clássicos da fase prático-revolucionária que são também os que fornecem mais elementos para compreensão do estágio monopólico do capital e abrangem, com isso, as polêmicas sobre a realização do valor, questão evidenciada por esses autores do período imperialista. Dessa maneira, sua trajetória intelectual e política revela-se mais intensa na assimilação das teses oriundas dos “práticos”, como Rosa Luxemburg, Lenin e outros.

Também nesse período, despertam-se nele preocupações filosófico-metodológicas sobre a produção teórica marxista, e ele busca resolução na produção tida como de ponta sobre o tema, *História e consciência de classe*, de Lukács, num período em que este não havia ainda apreendido os fundamentos ontológicos do pensamento marxiano. Sweezy assimila, com isso, noções que mais tarde foram submetidas à crítica pelo próprio autor (Lukács escreve um posfácio em 1967 a essa obra, no qual aponta os limites teórico-ideológicos em que ele se encontrava na fase de sua redação). Dessa maneira, manteve em sua concepção a noção de que, em Marx, a exemplo da postura filosófica hegeliana, o método se põe como uma exigência instrumental e prévia à análise da realidade objetiva. (Observe-se de passagem que o procedimento analítico de Marx define-se por exigência daquilo que se põe sob análise, o que demandou intenso esforço em demonstrar constantemente seu pleno respeito à imanência e objetividade à realidade sob análise. Não é sem razão que em sua produção teórica não se encontra nenhum tratado gnoseopistê-

mico ou propositura metodológica descolada da objetividade real (CHASIN, 1995, p. 506-507).)

Outra temática que ocupará o pensamento de Sweezy será expressa em sua obra conjunta com Paul Baran, *Capitalismo monopolista*. Trata-se da noção de que, nessa etapa de desenvolvimento do capitalismo, a estagnação econômica se torna sua característica fundamental, de sorte que o que tem de ser explicado é: o que terá levado o capitalismo a se expandir e a ter impulsos de crescimento, numa ambientação histórica de crise estagnacionista? Essa tese remete ao problema da lei tendencial da queda da taxa de lucro, que, conforme ele, só poderia ser barrada ocasionalmente, e que agora, após a Segunda Guerra Mundial, parece ter-se invertido, substituindo-a por uma tendência inusitada à lei tendencial da elevação da mais-valia. Diante dessa inversão, o atual período do capitalismo monopolista, em vez da promoção tendencial de queda nos preços pela concorrência no mercado, estaria promovendo um recuo na produção, do qual gerava uma capacidade ociosa que tendia a se tornar crônica. Ao mesmo tempo, os preços estariam sofrendo uma elevação, expandindo, por sua vez, as taxas de lucro. (Tal não se verificava realmente.) Embora o autor não tenha captado a determinação da crise de final dos anos 1950 e início dos 1960, insistir em que o capitalismo se apresentava em crise fornecia, no mínimo, sustentação à sua perspectiva revolucionária.

Ao contrário, porém, do pensamento social-democrata do entreguerras, Sweezy mostra que a concentração do capital, na fase imperialista, não o converte num “capitalismo organizado”, mas, sim, aprofunda a anarquia na produção, a desproporção entre os departamentos produtivos, tendo o Estado que assumir novas funções, tais como intervir diretamente na substituição das leis de oferta e procura. Sweezy percebe que, embora tenham proliferado falências e outros eventos semelhantes na fase de livre concorrência, com o imperialismo as consequências de tais fenômenos revelam maior gravidade para todo o tecido socioeconômico, obrigando o Estado, em plena cumplicidade com os grandes grupos, a assumir os seus prejuízos.

Sweezy toma como referência, para compreensão e desdobramento crítico do capitalismo imperialista, as teorizações leninistas, por considerá-las a fonte mais confiável sobre essa temática. Reproduzindo algumas das principais características do capitalismo monopolistas, do imperialismo, desveladas pelo revolucionário russo, como a necessidade intrínseca desse novo padrão de acumulação de expandir planetariamente seus mercados, mas sob a proteção dos Estados imperialistas, o autor denunciara a emersão do protecionismo internacional e de sua inaudita intensidade. Além disso, a expansão do domínio das fontes energéticas e de matérias-primas tem sua necessidade potencia-

lizada para garantia do novo dinamismo industrial. Da mesma forma, o Estado aprofunda sua imbricação no capital de tal forma que a expansão do complexo militar ganha posição de destaque no alavancamento da acumulação do capital monopolista.

Apenas como ilustração, vale lembrar que sua leitura e assimilação das teorias desenvolvidas pelos “práticos”, desde Lenin, Rosa e outros, fora um marco em sua produção teórico-ideológica, e se, do ponto de vista teórico, nem sempre tenha convergido concretamente para Marx, em momento algum ele supôs, como Kautsky e a social-democracia em geral, que se pudessem alcançar o socialismo sem revolução, sem a ditadura revolucionária dos trabalhadores.

A análise de Sweezy sobre o Estado pressupõe-no como instrumento de acumulação do capital monopolista em face do que trata por “depressão crônica” do capitalismo na fase imperialista. A seu ver, essa “depressão” decorreria do “subconsumo” capitalista – interpretação dominante num segmento da social-democracia alemã, no período do entreguerras, defendida, entre outros, por Otto Bauer e Leon Sartre. Nessa linha concepcional, Sweezy supõe possível minimizar o alcance das crises com base na expansão da base salarial que dinamiza o consumo. Apesar das defasagens em relação às teorias econômicas de Marx, como é o caso da teoria do “subconsumo”, deve ser registrado o esforço teórico de Sweezy em repor, insistentemente, o pensamento de Marx num período, como o do pós-guerra, e tentar dar conta, criticamente, a despeito de algumas insuficiências, da produção teórica antimarxista que irrompia naquele momento.

Na segunda metade dos anos 1960, nova fase de expansão do imperialismo, Sweezy estará identificando outra nova contradição do sistema capitalista monopolista, que é o problema da realização da mais-valia, e ao seu lado, a impossibilidade de ocupação produtiva da capacidade instalada nos países desenvolvidos. Novamente, Sweezy coloca a questão do Estado como instrumento para dar sequência à acumulação de capital, fundamentando-se na tese de que o monopólio imperialista aprofunda a anarquia da produção, pois agora se verifica também uma grande produção de bens supérfluos e aumento do desemprego; com isso, a vida social sofre nova onda de degradação. Portanto, nem a presença ativa do Estado pode alterar o curso da crise capitalista, visto sua realização só poder se dar por meio de contradições, superáveis apenas por sua própria eliminação e instalação de uma nova sociedade. Vale ressaltar que a inflexibilidade de Sweezy na direção das análises crítico-marxistas expressa uma atividade intelectual de relevante importância na difusão de categorias teórico-revolucionárias do pensamento marxista nos últimos cinquenta anos

do século XX, período histórico complexo e com marcante presença manipulatória no quadro intelectual voltado para o descarte da revolução³.

Não se podem negar, ao contrário, as várias críticas sofridas em sua produção teórica, especialmente por desvios notados em suas formulações, dada sua orientação fortemente calcada nos “teórico-práticos” e menos nas formulações originárias marxianas, sem que, com isso, se reduzissem a importância e o significado de sua postura de editorialista e difusor marxista e de dedicação integral de sua vida às tarefas teórico-revolucionárias.

Assim, em *O capitalismo tardio*, Mandel abre uma linha crítica ao trabalho conjunto de Baran e Sweezy, afirmando não terem percebido “os limites que se impunham” aos lucros do capital monopolista dada a quantidade finita de mais-valia social. Tal descuido tem origem na conciliação que cometem entre a “teoria do valor-trabalho” e a teoria neoclássica de Keynes sobre a “demanda total”, afirma Mandel. Não é compatível a “tendência do excedente a elevar-se” oriunda de Keynes e a “queda tendencial da taxa média de lucro”; não cabe aí uma “tendência de aumento da quantidade de mais-valia”. Mandel observa que em Sweezy há uma contradição muito pronunciada entre determinados artigos da *Monthly Review* e o artigo escrito em conjunto com Baran, “Monopoly capital”, para a mesma revista. Enquanto nos primeiros o fenômeno da queda dos lucros em geral leva à derrubada dos lucros monopolísticos, em “Monopoly capital” ele se aferra à tese de autonomia financeira monopolística e, conseqüentemente, à contraditória autossustentação das taxas monopolísticas de lucro, obliterando, em vez de esclarecer, uma das teses centrais de *O capital* de Marx, que afirma a interdependência do capital financeiro e produtivo.

Outro aspecto que move Mandel a expor à crítica as teorizações de Sweezy reside na relação contraditória entre valor de uso e valor de troca que se explicita no artigo em questão. Observe-se que Roman Rosdolsky já havia dirigido uma crítica a essa mesma construção teórica destacada por Mandel. Este último afirmara que, em sua obra de difusão da teoria econômica marxista, *Teoria do desenvolvimento capitalista*, Sweezy revela, no mínimo, uma incompreensão da teoria econômica marxista quando afirma que “Marx exclui o valor de uso (ou, como agora seria chamada, a ‘utilidade’) da esfera de investigação da

3 Sujeito a pressões e obstáculos de ordem político-ideológica, Sweezy manteve-se inflexível na sustentação da *Monthly Review*, acompanhando o desenvolvimento do imperialismo mundial e em particular dos Estados Unidos; seu percurso ideológico pró-socialista manteve visibilidade em toda sua produção teórico-crítica sobre o imperialismo. Seu primeiro grande produto intelectual voltado à difusão do marxismo, tendência teórica à qual se filiou antes da Segunda Guerra Mundial, é *Teoria do desenvolvimento capitalista*. Posteriormente, com Paul Baran, publicou artigo que alcançou um amplo arco internacional de reconhecimento de seu valor intelectual: “Monopoly capital”, publicado inicialmente na *Monthly Review* e posteriormente ampliado e incluído na obra principal de Baran (1985): *Economia política do desenvolvimento*.

economia política, pois o valor de uso não expressa diretamente uma relação social” (ROSDOLSKI, 2001, p. 76-77). Para Marx, ao contrário, afirma Rosdolsky, mesmo nas formulações mais abstratas do valor, este não representa nunca a si próprio, e sim algo útil, indicando, entre outros trabalhos de Marx, as *Glosas marginais ao “Tratado de economia política” de Adolf Wagner* na sustentação de seu argumento.

Em sua análise crítica, então, Mandel (1983, p. 377) reafirma ser o valor de uso fenômeno inseparável da realização do capital mesmo na fase monopólica desse, mostrando que a “transferência sistemática de mais-valia do setor não monopolizado para o setor monopolizado não pode continuar por muito tempo sem causar grandes distúrbios”; ou seja, aquela característica já demonstrada por Lenin na realização do capital imperialista de “fugir da clássica concorrência de preço”, embora com existência garantida dentro do percurso monopolístico do capital, põe-se diante de fortíssimas limitações, já que depende da transferência concomitante do consumo de produtos (valores de uso) oriundos de processos não monopolistas para processos monopolistas, o que não pode ocorrer sem contradições novas. Nas palavras de Mandel (1983, p. 377), “Os preços de mercado dessas mercadorias subirão, não de forma absoluta, mas relativamente aos bens produzidos pelos monopólios, e assim haverá um declínio periódico na transferência de mais-valia”, isso no caso de o setor monopolista não reestruturar sua produção para incluir os setores não monopolistas. Se, no entanto, houver reestruturação, haverá redução dos superlucros e conseqüente queda da taxa média de lucro. Por um ou por outro, essa lei tendencial à queda das taxas do lucro permanece sendo inevitável, especialmente quando se consideram não apenas os fenômenos oriundos do valor, mas as alterações nas composições orgânicas e técnicas do capital e, portanto, os fenômenos da ordem dos valores de uso.

Nas análises de Rosdolsky, Sweezy sofre ainda críticas pontuais, dadas as incompreensões que revela sobre teoria do valor de Marx. As análises empreendidas por Rosdolsky, aquelas feitas sobre a obra de Sweezy, dão-se por meio de suas leituras cuidadosas, da ampla maioria dos principais difusores do marxismo, revelando uma profunda preocupação de que tal difusão, das teorias de *O capital*, não corresponda ao seu fundamento científico correto.

Rosdolsky indica a proximidade Sweezy e de Joan Robinson na sua crítica à lei tendencial da queda da taxa de lucro, qual seja, a de que Marx teria formalizado nessa teoria uma taxa constante de mais-valia para conseguir validar sua premissa da queda tendencial da taxa de lucro; essa posição ante as teses de Marx estava presente já em Ladislaus von Bortkiewicz, em artigo de 1907, conforme cita Rosdolsky (2001, p. 5). Ele rebate essa posição explicando que,

em Marx, não se trata de formalidade, mas, sim, de reflexo objetivo da complexidade real, afirmando que “se permanece constante a taxa de mais-valia, ou o grau de exploração do trabalho por parte do capital, este paulatino acréscimo do capital constante em relação ao variável resulta necessariamente em uma gradual queda da taxa geral de lucro” (ROLDOSLKY, 2001, p. 334). E, mais adiante, Rosdolsky (2001, p. 335) cita Marx para mostrar o quanto estava ele atento a esse problema: “A lei da taxa decrescente de lucro, na qual se expressa a mesma taxa ou até mesmo uma taxa crescente de mais-valia”, permanece válida, pois

[...] uma parte alíquota cada vez menor de capital global desembolsado se transforma em trabalho vivo. Por isso, esse capital global absorve cada vez menos mais trabalho como proporção de sua magnitude, mesmo que cresça a proporção entre a parte não paga e a parte paga do trabalho empregado.

O que torna evidente que Marx não tratou de maneira meramente formal, ou mesmo com pouco rigor matemático, como Bortkiewicz alegou, mas tratou a questão com fundamento concepcional revelado na intimidade das relações entre capital e trabalho. E num adequado arremate, Rosdolsky (2001, p. 335) o cita mais uma vez:

A taxa de lucro não diminui porque o trabalho se torna menos produtivo, mas sim porque se torna mais produtivo. Tanto o aumento da taxa de mais-valia como a queda da taxa de lucro são formas particulares que expressam, no modo capitalista de produção, a crescente produtividade do trabalho.

De forma que as indicações de Rosdolsky são preciosas na luta científica para restauração do pensamento de Marx, ainda que para tanto tenha sido necessário submeter à análise crítica um conjunto de posições não afinadas, em alguns pontos, com a concretude de *O capital*, dentre elas as de Robinson, Bortkiewicz e Sweezy. Rosdolsky luta pela impugnação de que alguns equívocos possam expandir e ocupar o lugar das corretas formulações de Marx.

De qualquer forma, o que pretendemos aqui é, acima de tudo, destacar o pensamento de Sweezy e sua positiva obstinação na defesa do marxismo, bem como a singular resistência no longo tempo de duração, e a localização *sui generis* da *Monthly Review*, em Nova York, publicação que atraiu e atrai colaboradores de todo o mundo, tanto do mundo desenvolvido quanto do subde-

envolvido, todos, de uma ou outra forma, participando e colaborando no âmbito teórico, acentuadamente plural, do marxismo.

Sweezy construiu um patrimônio difusor crítico-marxista no interior dos Estados Unidos, vale dizer, enfrentando uma das mais fortes e contundentes adversidades: o parque industrial de (des)informação daquela população; população fortemente manipulada por interesses cada vez mais reacionários, garantidos no seio de grande parcela dessa, por efeito dessa mesma manipulação. Objetivamente foi após a Segunda Guerra Mundial que os Estados Unidos conquistaram uma posição de inconfundível hegemonia internacional no plano dos países capitalistas, avançando e consolidando seu caráter imperialista; é também o período de idealização e efetivação do ousado projeto editorial anti-imperialista: a *Monthly Review*.

A partir da década de 1960, intervenções militares norte-americanas – como no Vietnã, a propósito de uma “guerra limitada”, expressão branda difundida pelo Pentágono para “tranquilizar” seu povo, como observou Sweezy – revelaram atitudes sanguinárias de assassinato, tortura e destruição da população civil, homens, mulheres e crianças, todos inocentes, esmagados sob as ações bélicas dos Estados Unidos. A *Monthly Review* será nesse momento, para Sweezy, o necessário ponto de apoio e difusão de sua radical oposição a essa aventura militar do imperialismo norte-americano. O caráter reacionário do poder norte-americano é revelado quando as investidas contra o Vietnã, sua continuidade, são decididas no Pentágono, com direta participação do Conselho de Segurança Nacional, da CIA, do FBI e de outras agências “invisíveis” do governo, numa total inversão dos processos democráticos internos tão alardeados.

A dominação dos meios de comunicação a partir desse período, pelo aparelhamento ideológico das agências oficiais e “invisíveis”, até o financiamento de departamentos ideológicos dentro das universidades, tendo como estratégia a “defesa da democracia”, dificulta, nesse momento, à população compreender os objetivos imperialistas das ações militares e políticas dentro e fora de suas fronteiras.

O procedimento de Sweezy nesses anos de recrudescimento ideológico dos setores pró-imperialista, até seu arrefecimento, com as crises que se iniciam, nacional e internacionalmente, na primeira metade da década de 1970, não foi outro senão o de pôr em evidência a estratégica postura do imperialismo norte-americano, permanecendo e resistindo, com a *Monthly Review*, dentro dos Estados Unidos.

As crises que despontam na década de 1970 nos Estados Unidos e na Europa ocuparão as análises críticas de Sweezy e Magdoff. O pano de fundo de suas preocupações continuou sendo a estagnação estrutural do capitalismo

monopolista (tese criticada por amplos setores do marxismo). Repõem o argumento de que a acumulação elevada e acelerada da década de 1960, após a Segunda Guerra Mundial, seria a exceção, pois a regra continuaria sendo a legalidade da estagnação por ele identificada. Por sua vez, as contradições que vão se avolumando lhes permitem compreender a redução abrupta das teorias keynesianas e a retomada liberal, que começa a ser sinalizada.

Ainda nos anos 1970, as sociedades pós-revolucionárias, o socialismo real, ocuparam também a atenção de Sweezy, pois estas vinham apresentando sinal de esgotamento econômico. Em *Sobre a transição para o socialismo*, escrito em conjunto com Charles Bettelheim em 1971, Sweezy trava uma dura luta contra as teses que propunham solucionar os problemas daqueles países reorganizando-os sob a forma de socialismo de mercado. Segundo Sweezy e Bettelheim, o problema continuava girando em torno do stalinismo e da burocracia, que determinavam os passos de planejamento centralizado. De acordo com os autores, esse padrão de controle não resultou positivamente em dinamismo econômico e impediu o controle pelos trabalhadores, que, a essa altura de sua história, estavam submetidos a um processo fetichista, bloqueador da consciência revolucionária. Sweezy, após debates com Bettelheim, entende que haveria dois caminhos possíveis na dinamização dessas sociabilidades pós-revolucionárias, afastando-se, obviamente, a inclusão da lei de mercado: 1. enfraquecer a burocracia e politizar as massas, ampliando as responsabilidades e iniciativas dos trabalhadores; e 2. retroceder a um padrão de organização como o que fora proposto pela NEP de Lenin e depois buscar um avanço mais eficiente que o atual.

Sweezy observara a necessidade de tomar qualquer um desses caminhos quando a economia, por estar administrada burocraticamente, entrasse em dificuldade, tal qual se apresentava naquele momento. De qualquer forma, tomar o segundo caminho seria retroceder ao capitalismo e, portanto, recrudescer o fetichismo.

Em *Socialismo pós-revolucionário*, escrito uma década depois (1980), insiste na crítica aos obstáculos deixados pelo stalinismo e avança sua análise enfatizando a positividade da Revolução de Outubro, indicando que a ruptura do processo revolucionário fora devida ao stalinismo, pois é daí que reemerge um sistema de classes sociais que empurra a União Soviética a uma crise sem solução. Mais tarde, com a emersão de Gorbatchov, Sweezy vai dizer que a Perestroika põe um ponto final no stalinismo, mas ao preço de uma estagnação da qual a União Soviética não mais sairia.

Aqui são necessárias algumas observações em relação à abordagem desses autores e, por consequência, à sua proposta. Em primeiro lugar, é de suma importância sua oposição à proposta de solução que se esboçava na direção de um socialismo de mercado, na medida em que essa formulação carrega em si a objetiva desqualificação dos termos que a compõem, pois socialismo exclui, em essência, o caráter mercantil de sua organização, e o mercado exclui os fundamentos coletivos e sociais da propriedade coletiva, já que os processos de troca só fazem reproduzir a propriedade privada.

As análises de Sweezy e Bettelheim esbarram, contudo, num limite: restringem-se ao ponto de vista da política, como superação da degeneração burocrática, deixando sem crítica a ordem do capital estagnado que ali se pôs, bem como a ordem da propriedade, coletiva e não social⁴, ali estabelecida, e por fim, o fato de que a revolução ali permaneceu nos limites da política, não avançando, por seus limites históricos, para a revolução social. Mas, a despeito de algumas incompreensões sobre a complexidade que se impõe às tendências e possibilidades revolucionárias daqueles países, Sweezy apresentou-se sempre de maneira criticamente ativa e disposta a pôr em movimento o que entendeu por contradição e desumanismo por parte do capital imperialista. Sua positiva ambição revolucionária e sua perspectiva de avanço humano o fizeram proceder com rigor em suas posições ideológicas, nas áreas em que interveio. Vale lembrar, por exemplo, seu interesse pelas questões ecológicas; parte em defesa das fontes naturais, apoiando sempre seu aproveitamento pela utilidade científica e humanística, negando o aproveitamento meramente comercial. Critica severamente a expansão do parque industrial automobilístico e todo o conjunto de empreendimentos energéticos (petróleo), urbanização forçada etc., e por fim a irreversível poluição que se produzira. Toma em seu apoio as posições de Marx sobre ecologia e propõe não uma lenta desaceleração dos destratos com o meio ambiente, mas uma superação eficiente e drástica do capitalismo.

Sweezy abordou no final da década de 1980 a questão da globalização, mostrando que esse processo vinha se desenvolvendo havia quase dois séculos, mas sob a orientação do capital. Dessa forma, trata-se de fenômeno histórico e incontornável cuja verdadeira positividade só poderia efetivar-se para além do controle social pelo capital, isto é, somente uma ordem social regida pelo homem e não pelo capital conferiria à globalização o significado que deveria historicamente realizar. Em artigo escrito em conjunto com Magdoff, “A Pax americana”, apresenta um breve histórico das intervenções norte-americanas

4 Ver, a esse respeito, Chasin (1983).

(terminando com a intervenção no Iraque em 1991) e propõe uma ação da população americana no embargo dessas empreitadas de intervenção norte-americana, uma vez que é o seu próprio Estado que as tem executado.

Revelou-se, até o final, satisfeito por ter conseguido manter a *Monthly Review* politicamente autônoma, tanto em termos partidário quanto em acadêmicos, de ter sido capaz de formar um centro de pesquisa crítico-marxista que se propagou mundialmente, e se disse afortunado por ter compreendido dentro do pensamento marxista o significado e o alcance da mais-valia, pois isso possibilitou, indubitavelmente, ao seu empreendimento editorial (prático e teórico) tratar objetiva e criticamente o capital. Paul Sweezy morreu em Larchmont, Nova York, em 27 de fevereiro de 2004. Sua vida é um marco de elevado humanismo revolucionário para todos nós.

Referências

- BARAN, P. *Economia política do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- CHASIN, J. Da razão do mundo ao mundo sem razão. *Revista Ensaio*, São Paulo, n. 11/12, 1983.
- _____. Marx – Estatuto ontológico e resolução metodológica. In: _____. *Pensando com Marx* – Uma leitura crítico-comentada de *O Capital*. São Paulo: Ensaio, 1995.
- HUBERMANN, L.; SWEEZY, P. M. Notas sobre a América Latina. In: VVAA. *Perspectivas da América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- MANDEL, E. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MONTHLY REVIEW. Disponível em: <<http://monthlyreview.org>>. Acesso em: 9 mar. 2009.
- ROSDOLSKY, R. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: UERJ, Contraponto, 2001.
- SCIENCE AND SOCIETY. Disponível em: <<http://www.scienceandsociety.com>>. Acesso em: 9 mar. 2009.
- SWEEZY, P. M. Um grande americano. In: VVAA. *Perspectivas da América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- _____. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. Princípios de economia política marxista. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SWEEZY, P. M. et al. *Do feudalismo ao capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.